

IMPACTOS PSICOLÓGICOS DA MATERNIDADE NA TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE MULHERES EM CURSOS DE GRADUAÇÃO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DO VALE DO ARAGUAIA - UNIVAR.

Micaelly Tonin de Oliveira¹, Jhordana Costa Araújo²

RESUMO

A maternidade é uma experiência profundamente transformadora na vida das mulheres, que traz consigo significativas mudanças físicas, emocionais e psicológicas, enquanto a trajetória acadêmica na graduação é uma fase repleta de desafios acadêmicos, sociais e emocionais. Quando essas duas realidades se encontram, surgem questões de grande relevância e complexidade. O objetivo desta pesquisa foi analisar os efeitos da maternidade na vida acadêmica de mulheres que se tornaram mães enquanto cursavam o ensino superior. O estudo buscou compreender como a maternidade influencia o bem-estar emocional, os objetivos acadêmicos e a trajetória educacional dessas mulheres. Ao explorar esse tema, a pesquisa pretendeu lançar luz sobre os desafios enfrentados por essas mães acadêmicas. Além disso, buscou identificar estratégias e medidas de apoio que possam ser implementadas para ajudar a equilibrar as responsabilidades da maternidade com o compromisso acadêmico.

Palavras-chave: Mães; Ensino superior; Desafios; Bem-estar.

ABSTRACT

Motherhood is a profoundly transformative experience in women's lives, which brings with it significant physical, emotional and psychological changes, while the academic trajectory at graduation is a phase full of academic, social and emotional challenges. When these two realities meet, questions of great relevance and complexity arise. The objective of this research was to analyze the effects of motherhood on the academic lives of women who became mothers while pursuing higher education. The study sought to understand how motherhood influences the emotional well-being, academic goals and educational trajectory of these women. By exploring this topic, the research aimed to shed light on the challenges faced by these academic mothers. Furthermore, it sought to identify strategies and support measures that can be implemented to help balance the responsibilities of motherhood with academic commitment.

Keywords: Mothers; University education; Challenges; Well-being.

1. INTRODUÇÃO

A construção social da mulher é um conceito que engloba as normas, papéis e expectativas impostas pela sociedade às mulheres, com base em sua identidade de gênero. Essas construções sociais variam de acordo com diferentes culturas e épocas,

abrangendo ideias sobre o comportamento feminino. “Ser mulher é uma construção social que se estabelece nas relações com o outro, nas experiências e vivências ao longo dos processos de vida e varia em cada sociedade (comunidade, grupos sociais, etc.)” (Gomes, 2020, p. 15).

¹ Psicóloga pelo Centro Universitário do Vale do Araguaia, Barra do Garças – MT.

² Psicóloga pelo Centro Universitário do Vale do Araguaia – UNIVAR. Docente no curso de Graduação em Psicologia, no Univar. Mestranda em Ecossistema e Saúde pelo UNIVAR; pós-graduada em Avaliação Psicológica e Psicodiagnóstico pela Faculdade Unyleya e em Psicologia do Trabalho e Neuropsicologia pela faculdade FAVENI. E-mail: jhordana_araujo@hotmail.com

Sendo assim, o papel social da mulher sofreu contínuas modificações frequentemente associadas a papéis domésticos, cuidado da família e subordinação aos homens, devido a uma complexa interação entre o patriarcado e o capitalismo. Na esfera capitalista, as relações de gênero são frequentemente moldadas pela busca de lucro e pela acumulação de capital, enquanto o patriarcado reforça as desigualdades de gênero, beneficiando os homens em termos de poder, status e recursos.

Para Matos (2008), nas sociedades, é evidente que persistem relações desiguais entre homens e mulheres, mesmo quando ambos pertencem à mesma classe social. Os homens geralmente têm acesso a uma gama de atribuições socialmente definidas como funções masculinas, enquanto as mulheres são frequentemente relegadas a papéis de submissão, seja ao pai, ao marido ou ao patrão.

Essa dinâmica é moldada pela crença de que as mulheres têm naturalmente a função de servir e cuidar, o que se destaca especialmente na maternidade e na responsabilidade pela criação dos filhos. Deste modo, a sociedade continua considerando a atribuição exclusiva ou predominante do cuidado com os filhos às mulheres, sendo um aspecto enraizado nas estruturas sociais e culturais, gerando uma carga de responsabilidade desproporcional sobre as mulheres em relação aos homens.

Entretanto, as mulheres estão cada vez mais ocupando espaços diversos na sociedade, e

um exemplo claro disso é o cenário acadêmico, onde elas estão se destacando e se tornando maioria nas universidades. Esse aumento da presença feminina na educação superior reflete a busca individual por conhecimento e desenvolvimento pessoal, e também uma mudança significativa nas dinâmicas sociais.

Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2013), o número de mulheres que ingressam na educação superior é maior, em relação ao número de homens ingressantes, o que mostra uma grande diferença em comparação com os dados obtidos até a década de 1990. Além disso, ainda de acordo com os dados do INEP (2013), o percentual médio de ingresso de universitárias até 2013 foi de 55% do total em cursos de graduação presenciais, em comparação aos 45% de homens matriculados na educação superior. Se a análise for feita para concluintes, entre homens e mulheres, o índice sobe para 60% de concluintes do sexo feminino, em comparação a 40% do sexo masculino. (Silva *et al.*, 2023, p. 02).

A construção social da mulher molda profundamente suas experiências na maternidade e na universidade. As normas e expectativas que definem "ser mulher" influenciam diretamente como ela concilia esses dois papéis. "A questão é que a entrada das mulheres nas universidades e no mercado de trabalho necessariamente não as tem desobrigado do cuidado da casa e dos filhos [...]". (Urpia; Sampaio, 2009, p 02).

A maternidade é caracterizada por uma experiência única e complexa, envolvendo aspectos comportamentais, emocionais, psicológicos, além de transformações físicas

ocasionadas pela gestação. Cada mulher vivencia esse processo de maneira única, de acordo com suas experiências de vida, seus valores, crenças e cultura. Dessa forma, é necessário compreender a subjetividade de cada mulher durante essa fase, pois a maternidade pode ser um processo repleto de alegrias, mas também pode ser desafiador.

[...] a forma como a mulher vive a maternidade e a gravidez depende de um componente cultural que vai influenciar no sentimento e de que forma ela vai agir, por outro lado, os sentimentos são definidos pela própria característica da mulher. A maternidade é diferente em cada civilização, pode ser um momento de satisfação pessoal, uma parte importante da vida ou uma experiência dolorosa, dependendo do momento em que a circunda. (Santos, Martins & Justi, 2020, p. 04).

Outra etapa importante na vida de muitas pessoas é a graduação, é por meio dela que os estudantes podem aprofundar seus conhecimentos na área que desejam e são preparados para o mercado de trabalho. Além disso, a graduação também possibilita que os acadêmicos possam aprofundar ainda mais seus estudos em níveis mais avançados, como pós-graduação, mestrado, doutorado. Entretanto, apesar de ser um período de muita aprendizagem e crescimento pessoal, também é uma jornada repleta de desafios, por exemplo: pressão social e familiar, equilíbrio entre estudos e vida pessoal, demandas acadêmicas, condição financeira, sofrimento psíquico, etc.

“O ingresso na vida acadêmica é caracterizado pela expectativa e mudanças que exigem adaptações a uma nova realidade, interferindo no desenvolvimento pessoal, cognitivo, profissional, afetivo e social dos estudantes”. (Lúcio *et al.*, 2019, p. 4).

Dessa forma, conciliar vida acadêmica e maternidade é um processo extremamente complexo e desafiador para as mães, podendo haver diversos obstáculos a serem enfrentados, tendo em vista que são duas fases que exigem demasiado comprometimento e dedicação. De acordo com Pereira & Abrao (2019, p. 11):

Conciliar as inúmeras atividades do lar e também as exigências da universidade não é tarefa fácil, como constatamos nas entrevistadas quando perguntamos como elas fazem para conciliar os afazeres domésticos com os estudos, dentre as mães universitárias 92% responderam que é difícil cumprir as duas funções com qualidade, pois sempre algo fica realizado de qualquer jeito, no entanto, apenas 8% disseram ser conciliável quando se tem apoio da família [...].

Sendo assim, nota-se que mães universitárias enfrentam diversos desafios diariamente para conseguirem conciliar estudo e maternidade. De acordo com Vieira (2018), o aumento repentino das responsabilidades, que requerem mais da estudante, e a necessidade de adiar disciplinas devido ao nascimento de um filho são alguns desses desafios frequentes enfrentados por estudantes que são mães. Infelizmente, essa realidade muitas vezes leva à interrupção dos estudos e, conseqüentemente, à

evasão universitária, já que nem sempre é possível retomar o ritmo acadêmico anterior.

A Lei nº 6.202, de 17 de abril de 1975, concede à estudante grávida o direito de realizar atividades acadêmicas em casa, através do regime de exercícios domiciliares. De acordo com a lei, a partir do oitavo mês de gestação e por três meses, as estudantes grávidas poderão optar pelo regime de exercícios domiciliares. O início e o fim desse período de afastamento serão determinados por um atestado médico que deverá ser apresentado à direção da instituição de ensino. Em situações excepcionais, devidamente comprovadas por atestado médico, o período de repouso antes e depois do parto poderá ser ampliado. Além disso, independentemente da situação, é garantido às estudantes grávidas o direito de prestar os exames finais.

No entanto, mesmo com essa proteção legal, as mães estudantes enfrentam desafios significativos, especialmente em relação à conciliação da maternidade com os estudos, sendo o aleitamento materno um dos aspectos mais delicados dessa situação. A necessidade de amamentar e garantir os cuidados adequados ao recém-nascido coloca essas mulheres em uma posição desafiadora, pois precisam equilibrar suas responsabilidades maternas com os compromissos acadêmicos.

Com isso, a rede de apoio é fundamental durante esse processo, auxiliando-as, para que consigam alcançar os próprios objetivos,

reconhecendo e considerando a subjetividade de cada uma. “A rede de apoio social se mostra especialmente importante na gestação, período pós-parto, puerpério e no retorno da mulher ao trabalho e/ou estudos”. (Monteiro, 2023, p. 14).

Essa rede de apoio pode ser formada por familiares, amigos e até mesmo pela universidade, de modo que elas recebam apoio, suporte emocional, ajuda com o cuidado dos filhos, auxílio financeiro, compreensão, e sejam motivadas a continuar sua jornada, evitando assim a evasão estudantil.

Essa pesquisa justificou-se pela necessidade de compreender os impactos psicológicos em estudantes que se tornam mães durante a graduação. A maternidade nesse período pode gerar um conjunto único de desafios psicológicos, emocionais e sociais, que podem afetar tanto o bem-estar das estudantes-mães quanto seu desempenho acadêmico. Compreender esses impactos é crucial não apenas para oferecer o apoio adequado a essas estudantes, mas também para contribuir para o avanço do conhecimento científico sobre a relação entre maternidade e vida acadêmica.

Sendo assim, a pesquisa investigou as dificuldades e desafios psicológicos enfrentados por essas mulheres ao conciliar a maternidade com os estudos. Além disso, buscou avaliar a influência da maternidade no desempenho acadêmico das estudantes, examinando como a dupla jornada afeta seu rendimento e progresso na universidade. Outro aspecto central do estudo

foi a avaliação dos níveis de apoio social, familiar e institucional disponíveis para essas acadêmicas, identificando as formas de suporte que elas recebem e as lacunas existentes nesse contexto. A pesquisa pretendeu oferecer uma visão abrangente sobre os desafios e as necessidades específicas das mães acadêmicas, fornecendo informações valiosas para a formulação de políticas e práticas mais inclusivas e sensíveis às necessidades das estudantes, contribuindo assim para uma maior inclusão social.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado por meio de uma pesquisa descritiva-exploratória com o método quantiquantitativo, utilizando-se da técnica de aplicação de questionário online. E foram adotados os seguintes passos:

- Leituras acerca do tema e do problema detectado, em artigos científicos; o problema, que envolve a dificuldade de conciliar maternidade e vida acadêmica, foi constatado por meio de observações e relatos de estudantes que vivenciaram esse desafio.

- Elaboração de questionário por meio da plataforma Google Forms, direcionado às participantes da pesquisa, sendo mulheres que se tornaram mães durante a graduação.

- Para a realização do questionário, foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), contendo todas as informações pertinentes ao questionário e à

pesquisa. O objetivo era assegurar que as acadêmicas tivessem a oportunidade de consentir ou recusar sua participação na referida pesquisa.

- Inicialmente, foi requerida e obtida a autorização da instituição de ensino para o envio da pesquisa por meio do aplicativo WhatsApp. Posteriormente, com a devida autorização, solicitou-se à coordenadora do curso de Psicologia que encaminhasse o questionário em um grupo composto pelos coordenadores de todos os cursos, com a finalidade de que estes o disponibilizassem nos grupos de seus respectivos cursos.

- Tabulação dos dados e agrupamento das respostas abertas em categorias criadas conforme a temática central de cada resposta;

- Análise das informações coletadas no questionário;

- Questionário online respondido pela secretária acadêmica do Centro Universitário do Vale do Araguaia – UNIVAR, como parte integrante da pesquisa, com o intuito de verificar o funcionamento da política de licença maternidade da instituição;

- Correlação dos dados coletados com a literatura existente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente tópico discute os resultados obtidos a partir da pesquisa conduzida por meio de um questionário online, desenvolvido na plataforma Google Forms. O questionário foi

composto por dez perguntas, das quais oito eram objetivas e duas dissertativas. A pesquisa registrou um total de doze respostas, porém, apenas onze foram validadas. Uma das participantes não se enquadrava no perfil do público-alvo, uma vez que, conforme relatado em uma pergunta discursiva, havia se tornado mãe antes de iniciar a graduação. Tal informação gerou uma inconsistência em relação aos dados fornecidos na seção de caracterização, onde a participante havia declarado ter engravidado durante a graduação.

A primeira pergunta do questionário abordava a faixa etária das participantes. Os resultados mostraram que 91% das participantes se encontravam na faixa etária de 18 a 29 anos, enquanto 9% estavam na faixa de 30 a 39 anos.

Entre 2002 e 2021, a quantidade de alunos na educação superior aumentou de 3,5 milhões para 8,9 milhões. Analisando a distribuição por faixa etária, observa-se que 240.191 jovens (2,67%) têm até 18 anos. Entre 19 e 24 anos, o número é de 3.860.609 (42,95%); de 25 a 29 anos, 1.726.645 (19,21%); de 30 a 39 anos, 1.953.685 (21,73%); de 40 a 64 anos, 1.192.390 (13,26%); e acima de 65 anos, 13.600 (0,15%). (Abres, 2021).

Sendo assim, a análise dos dados indica que a faixa etária predominante está associada aos estudantes que recentemente concluíram o ensino médio. Isso sugere que a maioria dos alunos universitários iniciam sua formação

superior logo após a finalização dessa etapa escolar.

A pergunta subsequente abordou o estado civil das participantes. Os dados revelaram que 55% das respondentes eram casadas, 36% eram solteiras e 9% estavam separadas. Considerando o estado civil das participantes, é relevante destacar que o cônjuge pode exercer um papel essencial como rede de apoio nos cuidados com os filhos, proporcionando à mulher mais tempo e condições adequadas para se dedicar aos estudos. De acordo com Engle & Breaux (1998), pode-se prever que um pai estará mais engajado com seu filho se ele: viver em uma cultura que promova a igualdade de gênero e valorize o papel paterno no cuidado, morar com sua esposa e filho, tiver um relacionamento harmonioso com a mãe da criança, que encoraje sua participação, e colaborar com sua esposa no apoio à família. Fica evidente, então, que diversos fatores incentivam a participação do homem na criação dos filhos, enquanto para a mulher, essa responsabilidade é socialmente vista como uma expectativa natural e inerente ao seu papel.

De forma ideal, espera-se que o pai ofereça segurança para a mãe, necessária à formação de um bom vínculo mãe-filho. Sendo assim, o apoio conjugal se traduziria pelo carinho, encorajamento e assistência recebidos do parceiro. Um cônjuge que dá apoio provavelmente dá conselhos e assistência ao parceiro em relação às tarefas e responsabilidades parentais, auxiliando a mãe/pai a desempenhar seu papel mais competentemente. O apoio conjugal

influencia indiretamente o bem-estar psicológico da mãe/pai e o comportamento destes, enquanto pais. Além disso, geralmente um cônjuge se estressa menos emocionalmente frente a eventos aversivos quando o outro parceiro é compreensivo, lhe dá conselhos e assistência. (Rapoport & Piccinini 2006, p. 07)

Outra questão abordou a cidade de residência das participantes, considerando que o local da pesquisa atrai estudantes de municípios vizinhos. Assim, 82% das participantes indicaram que residem na cidade de Barra do Garças – MT, enquanto 18% informaram residir em outras localidades. Para essas acadêmicas que residem em outra cidade, essa situação torna o processo de conciliar maternidade e vida acadêmica, ainda, mais desafiador. O deslocamento até a universidade demanda um tempo adicional de afastamento de suas famílias, o que pode aumentar o risco de evasão universitária.

Além disso, foram formuladas duas perguntas relacionadas à gestação das participantes: uma sobre a condição atual da gestação, se a participante estava grávida ou já havia dado à luz, e outra sobre se a gestação havia sido planejada. Em relação à pergunta sobre o planejamento da gestação, 82% das participantes relataram que a gravidez não foi planejada, enquanto 18% informaram que a gestação foi planejada. Quanto à condição atual da gestação, 91% das participantes indicaram que o bebê já havia nascido, enquanto 9% informaram ainda estar grávidas.

Uma gravidez não planejada pode dificultar a continuidade dos estudos ao exigir uma significativa reestruturação na vida da estudante. Ela impõe a necessidade de equilibrar novas responsabilidades maternas com as exigências acadêmicas, o que pode afetar o desempenho acadêmico e aumentar o estresse. Esse ajuste pode exigir suporte adicional para lidar com as mudanças nas rotinas e nas expectativas pessoais e profissionais.

No caso da jovem que é universitária e que não planejou tornar-se mãe naquele período de sua vida, as interrogações e apreensões parecem muitas; afinal, toda a sua rotina irá mudar a partir daquele momento. Elas só não sabem qual será a dimensão dessa mudança e que repercussões terá em seus projetos de formação, um dos motivos dos conflitos intrapsicológicos que vivenciam. (Urpia; Sampaio, 2009, p 05).

Para concluir o conjunto de oito perguntas objetivas da pesquisa sobre maternidade e vida acadêmica, foram realizadas três questões adicionais de caráter específico. A primeira pergunta investiga o período da graduação em que o nascimento do bebê ocorreu, fornecendo informações sobre o momento do curso em que as mães universitárias enfrentaram essa transição (Gráfico 1). A segunda questão examina o nível de apoio recebido da instituição acadêmica e dos colegas durante o período gestacional e o pós-parto, avaliando a eficácia e a abrangência desse suporte (Gráfico 2). A terceira pergunta aborda a existência ou inexistência de uma rede de apoio e detalha seus componentes, permitindo

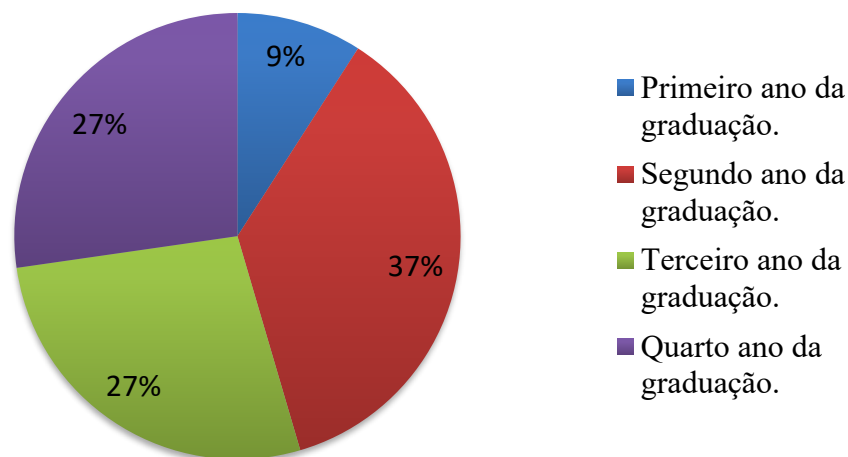
uma análise aprofundada das fontes de suporte disponíveis para as mães universitárias e seu impacto na conciliação entre maternidade e vida acadêmica (Gráfico 3).

Dessa forma, no que se refere ao período da graduação em que ocorreu ou ocorrerá o

nascimento do bebê, de acordo com os dados da pesquisa, apresentados no gráfico 1, a maioria das participantes informaram que o nascimento ocorreu entre o segundo e o quarto ano.

Gráfico 1 – Dados sobre o período da graduação em que o nascimento do bebê foi ou será registrado.

Período da graduação em que ocorreu/ocorrerá o nascimento do bebê.



Fonte: Autoria Própria

Embora a gravidez não deva ser vista como uma barreira que impede a mulher de continuar com suas atividades diárias, já que muitas mulheres trabalham e estudam até pouco antes do parto, é possível afirmar que a gravidez marca o início de um processo de transição. Esse processo pode assumir diferentes formas na vida de cada jovem mulher. (Urpia e Sampaio, 2011).

Estudantes que enfrentam ou enfrentarão a gravidez durante seu percurso acadêmico podem encontrar desafios consideráveis, especialmente nas fases iniciais. A gravidez

demandará uma série de ajustes e adaptações nos aspectos fisiológicos, psicológicos, sociais e emocionais, o que pode influenciar de maneira significativa seu bem-estar geral. Além disso, quando a criança nasce, surge também uma mãe no pós-parto, que deve lidar com as mudanças hormonais e o cansaço adicional associado a essa fase. (Gomes & Emiliano, 2023).

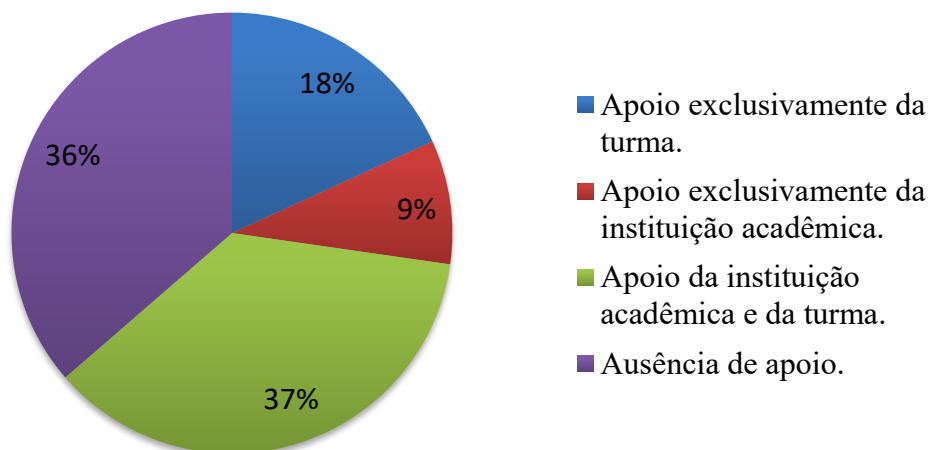
Sendo assim, o período da graduação em que o bebê nasce pode, portanto, ter um impacto significativo na experiência acadêmica da estudante, afetando desde a adaptação inicial até

a gestão do tempo e o desempenho acadêmico, considerando as demandas específicas de cada fase do curso, como estágios, projetos, e o trabalho de conclusão de curso (TCC) no último ano.

Em relação ao apoio da instituição acadêmica e da turma durante o período

Gráfico 2 – Dados sobre apoio institucional e da turma durante a gestação e pós-parto.

Apoio da instituição acadêmica e da turma durante o período gestacional e pós-parto.



Fonte: Autoria Própria

O apoio da universidade e dos colegas de turma é fundamental para estudantes que se tornam mães durante a graduação. Sem esse suporte, elas enfrentam maiores riscos de sobrecarga, queda no desempenho acadêmico e até mesmo abandono dos estudos. Assim, garantir esse apoio é essencial para promover a igualdade de oportunidades e assegurar que essas estudantes possam concluir sua formação.

A palavra “apoio” significa “Tudo que serve de sustentáculo ou suporte. Auxílio,

gestacional e pós-parto, os dados demonstrados no gráfico 2 indicam que a maioria das mulheres recebem apoio de ambos, seguido por aquelas que não recebem nenhum tipo de apoio.

socorro. Aprovação, aplauso”. (Ferreira, 2010, p. 55). Sendo assim, o apoio pode ser emocional, financeiro, material ou prático, e visa proporcionar bem-estar e alívio para a pessoa que o recebe. Dessa forma, o conceito de apoio nesse processo de maternidade e vida acadêmica é subjetivo, tendo em vista que está ligado às necessidades específicas de cada mulher.

Portanto, cada mulher apresenta demandas únicas, resultando em diferentes expectativas de apoio, que podem ir desde

suporte emocional, como palavras de encorajamento, até ajuda prática, como auxílio nas tarefas domésticas ou cuidados com os filhos para que ela possa se dedicar aos estudos. Algumas precisam de apoio financeiro, como bolsas ou acesso a creches, enquanto outras valorizam mais a flexibilidade acadêmica, como prazos estendidos ou adaptações na carga horária.

A estudante que é mãe ou que enfrenta uma gravidez inesperada durante a universidade vivencia uma experiência singular como parte de um coletivo de mulheres, o que exige uma compreensão particular dessa realidade. Em uma universidade que seja realmente inclusiva e democrática, é essencial promover a integração desse grupo de estudantes, considerando suas necessidades específicas. Isso não deve ser feito apenas para atender às diretrizes da educação nacional como uma formalidade legal, mas para assegurar uma verdadeira igualdade no acesso à educação. (Terra, 2019).

Dessa forma, segundo Barros, Sabóia & Viana (2021, p.10):

Vale ressaltar a importância de uma transformação em relação à perspectiva da comunidade acadêmica mediante as mães discentes e suas vulnerabilidades, almeja-se um acolhimento por professores e colegas da instituição de ensino mais humanizado e empático, além de um acolhimento profissional na área de saúde mental nas instituições acadêmicas que ofereça suporte emocional para essas estudantes lidarem com todas as adaptações, dificuldades e sentimentos negativos que enfrentarem.

Ademais, como parte integrante da pesquisa, com o intuito de compreender o funcionamento da política de licença maternidade do Centro Universitário do Vale do Araguaia - UNIVAR realizou-se um questionário com uma profissional da instituição. Sendo assim, pôde-se compreender que o processo de licença maternidade da instituição está embasado na resolução nº 005/CONSU de 25 de Março de 2019, própria do UNIVAR, e na lei nº 6.202, de 17 de Abril de 1975.

A lei nº 6.202, de 17 de Abril de 1975 garante que discentes gestantes possam se afastar de suas atividades acadêmicas por um período determinado, com o direito de realizar exercícios domiciliares, acompanhadas pela instituição sem comprometer a continuidade de seus estudos. Já a resolução nº 005/CONSU descreve todo o funcionamento da solicitação da licença maternidade, realização de provas e de exercícios avaliativos, seguindo esta lei.

Ainda de acordo com o questionário, as acadêmicas do UNIVAR podem solicitar a licença maternidade por meio dos canais de atendimento fornecidos pela instituição, sendo eles: megazap, e-mail, ou presencialmente. As discentes precisam estar munidas de atestado médico ou certidão de nascimento do recém-nascido, possuindo prazo de 10 dias úteis após a emissão destes documentos.

A licença maternidade ofertada pela instituição possui duração de 120 dias, podendo

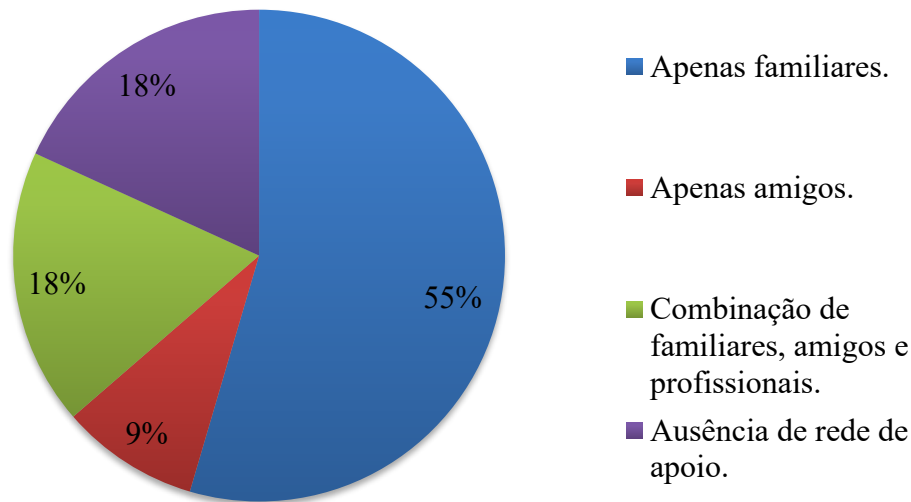
ser estendida em casos especiais, desde que seja especificado por laudo ou atestado médico. Sendo assim, durante esse período, a instituição disponibiliza um ambiente virtual de aprendizagem com materiais e atividades, para computar as frequências das acadêmicas, contando com suporte da coordenação de curso e de seus respectivos docentes durante esse processo.

Nesse contexto, com relação aos dados sobre a existência ou inexistência de uma rede de apoio para mães universitárias e os

componentes dessa rede, é fornecida uma visão abrangente sobre a proporção de estudantes que dispõem de algum tipo de suporte. De acordo com o gráfico 3, 82% das respondentes afirmaram contar com uma rede de apoio, sendo que, para a maioria, esse suporte é exclusivamente familiar. Esta análise permite compreender a diversidade e a distribuição do apoio disponível, evidenciando o papel fundamental que essas redes desempenham na conciliação das responsabilidades acadêmicas e de cuidados com o filho.

Gráfico 3 – Dados sobre a existência ou inexistência de uma rede de apoio para as participantes, bem como sobre seus respectivos componentes.

Rede de apoio: Existência e componentes.



Fonte: Autoria Própria

A rede de apoio é crucial para que mães estudantes consigam conciliar a maternidade com suas responsabilidades acadêmicas, embora não elimine todas as dificuldades enfrentadas por essas universitárias. Esse suporte pode ser

fornecido por diversas fontes, como familiares, amigos e profissionais, incluindo babás e enfermeiras. Ele se manifesta de diferentes formas, como assistência nos cuidados infantis, apoio emocional e flexibilidade acadêmica,

facilitando o gerenciamento das demandas cotidianas. Além disso, a existência de uma rede de apoio é fundamental para o bem-estar mental e emocional das estudantes, ajudando-as a superar desafios e a manter o foco em seus objetivos acadêmicos e profissionais. Segundo Rapoport & Piccinini (2006, p. 02):

O apoio social é fundamental ao longo do desenvolvimento humano, tendo destaque durante períodos de transição e de mudanças, quando naturalmente são exigidas adaptações e o indivíduo passa por situações de estresse. O nascimento de um filho é uma destas situações em que a mulher tem que se adaptar à nova vida, que inclui, por exemplo, as demandas do bebê, uma interação conjugal que passa a envolver um terceiro membro e a vida profissional e social com a presença de um ser que depende dela.

Dessa forma, de acordo com Costa *et al.* (2023), o acesso a uma rede de apoio familiar é crucial para mães universitárias. A ausência desse suporte pode ter um impacto significativo, impedindo que essas estudantes continuem suas atividades acadêmicas e conciliem de forma eficaz a maternidade com a vida acadêmica.

Para concluir o questionário, foram formuladas duas perguntas discursivas. A primeira investigava como foi a experiência de retornar à universidade após o nascimento do bebê, e a segunda solicitava que as entrevistadas descrevessem se enfrentaram algum sofrimento psicológico durante esse período.

Na primeira questão, 37% das entrevistadas relataram que o retorno à universidade após o nascimento do filho foi

difícil. 21% mencionaram dificuldades emocionais, enquanto 10% enfrentaram desafios cognitivos relacionados à aprendizagem e à memória. Outras 11% apontaram a falta de apoio durante o processo, e 11% descreveram o retorno como cansativo. Por fim, 5% afirmaram que ainda não haviam retornado à universidade, e 5% consideraram o retorno positivo.

É evidente que conciliar as responsabilidades da maternidade com a vida universitária representa um dos maiores desafios para essas estudantes, uma vez que as demandas do papel materno podem gerar dificuldades no processo de aprendizado. Devido à diversidade de papéis que precisa assumir, como filha, estudante, mãe e, em alguns casos, companheira, a aluna se depara com uma realidade para a qual não estava totalmente preparada. A nova situação a obriga a repensar e adaptar sua vida, o que acaba por dificultar seu desempenho acadêmico. (Silva, 2015).

Nesse contexto, a conciliação entre maternidade e vida acadêmica torna-se desafiadora, tendo em vista que os primeiros meses após o nascimento de um bebê requerem cuidados e atenção constantes, essenciais para o seu desenvolvimento. Essa necessidade de cuidado intensivo pode ser exaustiva para os pais, inclusive as mães, que frequentemente lidam com noites mal dormidas e uma rotina imprevisível.

Na segunda questão, 64% das respondentes indicaram ter experimentado

algum tipo de sofrimento psicológico, incluindo tristeza, ansiedade, depressão pós-parto, choro, dificuldades nos relacionamentos, sobrecarga, autocobrança, baixa autoestima, cansaço e frustração. Em contrapartida, 36% afirmaram não ter vivenciado qualquer tipo de sofrimento psicológico.

Dentro das 64% que relataram sofrimento psicológico, o tipo de apoio recebido variou significativamente. Cerca de 27,43% tinham uma rede de apoio pessoal, mas não contavam com o suporte da instituição ou dos colegas. Já 18,29% dispunham tanto de uma rede de apoio quanto de auxílio da instituição ou turma. Outras 9,14% não tinham rede de apoio, mas recebiam ajuda da instituição ou dos colegas, enquanto mais 9,14% não tinham apoio algum, seja da rede pessoal ou da instituição.

Dessa maneira, os dados indicam a subjetividade na percepção do que é considerado apoio, visto que algumas mulheres, apesar de contarem com uma rede de suporte durante esse período, ainda manifestaram sofrimento psicológico, revelando a complexidade dos fatores que afetam o bem-estar dessas mulheres.

De acordo com Batista (2022), a pressão e as expectativas sociais podem resultar em sobrecarga e exaustão emocional para essa mulher, que lida com diversos papéis. Sentimentos de inadequação, culpa por não conseguir cumprir todas as responsabilidades, e até a sensação de irresponsabilidade por dedicar tempo à sua formação profissional são comuns,

já que, socialmente, espera-se que a mãe esteja sempre disponível em tempo integral para os cuidados maternos.

Vieira (2018) ressalta ainda que a autocobrança das mães universitárias é, sem dúvida, um dos maiores obstáculos que elas enfrentam, pois, além de conciliarem as responsabilidades de mãe e estudante, precisam lidar com a culpa de "deixar" os filhos para se dedicarem aos estudos.

Constata-se então que a incidência de sofrimento psicológico é significativamente maior entre as mulheres que se tornam mães durante o período de formação acadêmica. Isso ocorre em virtude da multiplicidade de papéis que precisam desempenhar na sociedade, como o de mãe, estudante, filha e, em alguns casos, trabalhadora. A sobrecarga resultante dessas demandas intensifica o estresse emocional, levando muitas vezes a sentimentos de exaustão, inadequação e culpa. Além disso, a falta de redes de apoio adequadas e as expectativas sociais de que a mãe deva se dedicar integralmente ao cuidado dos filhos agravam ainda mais essa situação, dificultando a conciliação entre a vida acadêmica e familiar, e impactando negativamente o bem-estar mental e físico dessas mulheres. De acordo com Lucena (2023, p. 07):

A ideia de que a mulher deve se restringir às tarefas domésticas e abrir mão dos estudos ainda permeia a mentalidade de muitas famílias. Essa mentalidade patriarcal e preconceituosa não apenas impõe barreiras às mães/universitárias, mas também afeta sua autoestima e autoconfiança. Ao se

depararem com a pressão social e familiar para abandonar seus estudos em prol das responsabilidades domésticas, essas mulheres são confrontadas com um dilema angustiante. Elas se veem obrigadas a tomar decisões difíceis e muitas vezes se sentem desencorajadas, subestimando suas próprias capacidades de conciliar maternidade e vida acadêmica, por isso é importante ter uma rede de apoio nesse momento para perpassar essas crenças limitantes, com colaboração e empoderamento mútuo.

Dessa forma, a influência cultural desempenha um papel significativo na atribuição dos cuidados com os filhos à mãe, frequentemente gerando um sentimento de culpa. Essa pressão cultural intensifica as exigências sobre as mulheres, particularmente no retorno às atividades acadêmicas, tendo em vista que elas enfrentam dificuldades cognitivas relacionadas à aprendizagem e memória, impondo-lhes um esforço adicional para conciliar de maneira equilibrada suas responsabilidades familiares e acadêmicas.

Por outro lado, das 36% que não relataram sofrimento psicológico, todas contavam com uma rede de apoio e recebiam suporte da instituição ou dos colegas. Isso evidencia que uma rede de apoio sólida e bem estruturada desempenha um papel crucial na difícil tarefa de conciliar as demandas da maternidade com a vida acadêmica.

Sendo assim, as estudantes que conciliam a maternidade com o ensino superior enfrentam inúmeros desafios, sendo fundamental o apoio familiar e das universidades para que sua trajetória acadêmica

se desenvolva de maneira mais tranquila. As instituições de ensino superior devem oferecer suporte por meio de projetos que incentivem e promovam a conscientização, a fim de que essas mulheres se sintam devidamente acolhidas. Ademais, é imprescindível a adoção de políticas específicas voltadas para atender às necessidades das mães no ambiente acadêmico, contribuindo para a sua permanência e reduzindo os índices de evasão. (Costa *et al.*, 2023).

É importante notar que algumas dessas mulheres conseguem equilibrar suas funções sem experimentar impactos psicológicos significativos. Essas mulheres podem desenvolver estratégias eficazes de gerenciamento de tempo, contar com redes de apoio robustas ou ter um suporte institucional adequado, o que lhes permite manter um equilíbrio saudável entre as exigências acadêmicas e os desafios da maternidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revelou que 64% das entrevistadas sofrem algum tipo de sofrimento psicológico, incluindo tristeza, ansiedade, depressão pós-parto, crises de choro, dificuldades nos relacionamentos, sobrecarga, autocobrança, baixa autoestima, cansaço e frustração. Por outro lado, 36% das participantes não apresentaram sofrimento psicológico, as quais dispunham do suporte proporcionado por uma rede de apoio sólida, que inclui familiares,

colegas de turma e a própria instituição. Além dos desafios emocionais, foram identificadas também dificuldades de ordem física, como o cansaço excessivo, a sobrecarga, e cognitivas, como prejuízos na memória e no aprendizado. Ademais, foi mencionada a ausência de apoio durante esse período, agravando ainda mais o quadro enfrentado.

Diante desses dados, constata-se que a maioria das mães que cursam a graduação enfrentam desafios significativos, tanto psicológicos quanto físicos e cognitivos, que impactam diretamente seu desempenho acadêmico e sua qualidade de vida. As mulheres que não relatam esses problemas geralmente contam com uma rede de apoio estável e com o suporte contínuo de seus colegas e da instituição de ensino, o que se mostra essencial para a conclusão bem-sucedida da graduação.

Assim, reforça-se a necessidade de políticas institucionais que ofereçam suporte específico para essas mulheres, como projetos de acolhimento, flexibilização curricular, conscientização sobre suas necessidades, e um canal de escuta para que elas possam pontuar suas necessidades frente à instituição. Essas medidas são fundamentais para reduzir os índices de evasão e garantir que as mães consigam equilibrar as exigências da maternidade com as demandas acadêmicas, minimizando os impactos negativos em sua saúde física, psicológica e cognitiva. A criação e fortalecimento dessas redes de apoio são,

portanto, imprescindíveis para promover um ambiente inclusivo e equitativo no ensino superior, assegurando o sucesso acadêmico dessas estudantes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Dandara Christine Alves de; et al. **Estratégias e práticas para trabalhos acadêmicos e científicos**. Barra do Garças, MT: UNIVAR - Centro Universitário do Vale do Araguaia, 2024.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO (ABRES). **Estatísticas**. Disponível em: <https://abres.org.br/estatisticas/>. Acesso em: 22 Set. 2024.

BARROS, Suzane Silva; SABÓIA, Vera Maria; VIANA, Verônica Pinheiro. Desafios entre a vida acadêmica e o aleitamento materno: Uma revisão sistemática. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8, p. e21310817134-e21310817134, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17134>. Acesso em: 21 Ago. 2024.

BATISTA, Karlesandra Ferreira da Cruz. **Vivências da maternidade na graduação em psicologia da UFMA: suas implicações psicossociais na vida de mulheres-mães**. 2022. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/5379/1/KARLESANDRA%20FERREIRA%20DA%20CRUZ%20BATISTA%20.pdf>. Acesso em: 11 Set. 2024.

BRASIL. Lei nº 6.202, de 17 de Abril de 1975. Atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-lei nº 1.044, de 1969, e dá outras

providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1975.

COSTA, Jennefer Luana dos Santos *et al.* Desafios da maternidade no período acadêmico: revisão integrativa. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v. 11, n. 1, p. e6226-e6226, 2023. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/refacs/article/view/6226/6950>. Acesso em: 19 de Ago. 2024.

ENGLE, Patrice L.; BREAUX, Cynthia. Fathers' involvement with children: Perspectives from developing countries. **Social policy report**, v. 12, n. 1, p. 1-24, 1998. Disponível em: <https://www.srcd.org/sites/default/files/file-attachments/spr12-1.pdf>. Acesso em: 04 Out. 2024.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. Coordenação Marina Baird Ferreira. 8. ed. rev. atual. Curitiba: Positivo, 2010.

GOMES, Dalila Lacerda Sobreira; EMILIANO, Raquel Lisadra dos Santos. **Maternidade e graduação: os desafios acadêmicos das alunas mães da faculdade de enfermagem Nova Esperança de Mossoró**. 2023. Disponível em: <https://www.sistemasfacenern.com.br/repositorio/admin/uploads/arquivos/fddd7938a71db5f81fcc621673ab67b7.pdf>. Acesso em: 21 Ago. 2024.

GOMES, Lídia Laís Balbino. **Mulher, mãe e universitária: desafios e possibilidades de conciliar a maternidade à vida acadêmica**. João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/17638/1/LLBG01042020.pdf>. Acesso em 04 de Mar. 2024.

LUCENA, Ingrid Rafaelle da Rocha. **A conciliação entre maternidade-estudo-trabalho: reflexões sobre os desafios enfrentados pelas mães discentes no contexto universitário**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/53372>. Acesso em: 18 Set. 2024.

LÚCIO, Saislany Sheury Rafael *et al.* Níveis de ansiedade e estresse em estudantes universitários. **Revista Temas em Saúde**, v. 19, p. 260-274, 2019. Disponível em: <https://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2019/03/fippsi15.pdf>. Acesso em: 14 Jun. 2023.

MATOS, Vanessa Cristina Santos. Uma análise sobre participação política (ações afirmativas) e cidadania feminina. **Revista Ártemis**, v. 9, 2008. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/bb0e8e7ea4447b0deaa250b646567da8/1?pq-origsite=gscholar&cbl=4708196>. Acesso em: 18 Mar. 2024.

MONTEIRO, Evely Mayara dos Santos Nascimento. **Desafios enfrentados pelas mães universitárias: experiências vivenciadas na UFAL/Campus de Arapiraca**. 2023. Disponível em: <https://ud10.arapiraca.ufal.br/repositorio/publicacoes/5053>. Acesso em: 18 Mar. 2024.

PEREIRA, Keyla Lima; ABRAO, Kelber Ruhena. A mulher na família e na universidade e as transformações sociais. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 17, p. 286-301, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/download/1780/1278>. Acesso em: 14 Jun. 2023.

RAPOPORT, Andrea; PICCININI, César Augusto. Apoio social e experiência da maternidade. **Journal of Human Growth and Development**, v. 16, n. 1, p. 85-96, 2006. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v16n1/09.pdf>. Acesso em: 19 Ago. 2024.

SANTOS, Lediane Santana dos; SILVA, Kézia Siméia Barbosa Martins da; JUSTI, Jadson. “Tornar-se mãe” durante a formação acadêmica: desafios da maternidade sob a perspectiva educacional e sociológica. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, n. 65, p. 1, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7760465.pdf>. Acesso em: 14 Jun. 2023.

SILVA, Elenir Lindaura da *et al.* Retrato das Narrativas de Mães Universitárias no Contexto Acadêmico. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 24, n. 2, p. 275-283, 2023. Disponível em: <https://revistaensinoeeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/article/view/9689>. Acesso em: 03 Abr. 2024.

SILVA, Maria Cristina do Vale. Campus Senador Helvídio Nunes de Barros; **Vivência da Maternidade Durante a Formação Acadêmica**. Disponível em: https://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/PICOS/Not%C3%ADcias/PICOS_2022/Biblioteca/2015/Enfermagem_2015/Maria_Cristina_do_Vale_Silva.pdf. Acesso em: 11 Set. 2024.

TERRA, Ana Paula Ricco. **Dificuldade das estudantes grávidas e jovens mães na universidade e no estágio: existe um perfil de mulher acadêmica?**. 2019. Disponível em: <https://adelpha-api.mackenzie.br/server/api/core/bitstreams/289ca846-8c1e-4113-8f91-3f23de981b78/content>. Acesso em 21 Ago. 2024.

URPIA, Ana Maria de Oliveira; SAMPAIO, Sonia Maria Rocha. **Tornar-se mãe no contexto acadêmico: Dilemas da conciliação maternidade-vida universitária**, 2009. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/230628966.pdf>. Acesso em: 04 Mar. 2024.

URPIA, Ana Maria de Oliveira; SAMPAIO, Sônia Maria Rocha. Mães e universitárias: transitando para a vida adulta. **Observatório da vida estudantil: primeiros estudos. Salvador: EDUFBA**, p. 145-168, 2011. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/n656x/pdf/sampaio-9788523212117-09.pdf>. Acesso em: 21 Ago. 2024.

VIEIRA, Ailane Costa. **Vivências da maternidade durante a graduação: uma revisão sistemática**. Pará, 2018. Disponível em: https://bdm.ufpa.br/bitstream/prefix/1080/1/TC_C_VivenciasMaternidadeGradua%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 18 Mar. 2024.